Orphée, Jean Cocteau (1949)

O Tempo perguntou ao Sonho

A nova temporada de cinema inicia-se com um enorme clássico: *Orphée,* de Jean Cocteau. É o segundo volume de uma trilogia que inclui ainda *Le sang d'un poète* (1930) e o final *Le Testament D'Orphée* (1960), e todos lidam com a ideia da criação artística e do papel do seu criador. Se o primeiro é manifestamente vanguardista num *medium* ainda relativamente recente, e o terceiro um fechar de capítulo que engloba o próprio Cocteau como personagem, de olhar direccionado à sua carreira e obra, é no segundo, *Orphée,* que existe o filme mais completo, onde as ideias se revelam com maior mestria.

A base é dada pelo mito grego de Orfeu. Orfeu e Eurídice; apaixonados. Mas Eurídice é mordida por uma serpente e morre. E Orfeu, destroçado, decide imergir no mundo inferior e resgatá-la. Hades permite-lho, com uma condição: Orfeu não olhará Eurídice na ascensão ao mundo. Orfeu resistiu-lhe até ao derradeiro momento, quando, ao chegar à superfície, olhou por cima do ombro para confirmar a presença de Eurídice. Demasiado cedo: Eurídice voltou para trás, por se ter quebrado o acordo entre Hades e Orfeu, e separaram-se para sempre.

Aqui, Cocteau modernizará o mito e aplica-lhe o seu toque pessoal e biográfico, sublimando o papel do criador artístico no lugar de Orfeu. Desta vez, a mesma Eurídice morre, mas a Morte é uma personagem muito mais presente e complexa; e o poeta hesita quando instado a escolher entre ambas. O mergulho no mundo inferior inspira-o e permite-lhe ver além do real — temos aqui, de resto, uma sucinta definição da poesia —, e então divide-se entre a sua realidade e o mundo secreto, onírico e elusivo, que Cocteau tão habilmente criou.

Orphée é, antes de quaisquer considerações que assomem depois de o termos visto, um portento técnico de belo cinema. Refinando truques que utilizou no início da sua carreira, dota os espelhos de vida e aperfeiçoa o carácter ilusório da imagem. Depois disso, há a poesia imensa do filme e da sua narrativa, uma reflexão sobre a criação que é, ainda hoje, uma das referências do cinema mundial. Dificilmente encontraríamos melhor forma de recomeçar a temporada. Sejam bem-vindos!

Alexandre Pinto
http://ocoprofago.wordpress.com

"Mirrors: we watch ourselves grow old in mirrors. They bring us closer to death." Jean Cocteau